

PROPAGAÇÃO VEGETATIVA DE FRUTEIRAS NATIVAS

Coordenador: SERGIO FRANCISCO SCHWARZ

PROPAGAÇÃO VEGETATIVA DE FRUTEIRAS NATIVAS A Sustentabilidade se alicerça em três pilares: o ambiental, o social e o econômico. O projeto de extensão "Propagação de Plantas Hortícolas e Florestais" visa à manutenção desses pilares, na forma da transmissão de boas técnicas de propagação de plantas nativas, possibilitando ao produtor agregar renda com preservação. A propagação vegetativa possibilita a produção de mudas homogêneas, precoces, com melhores características e possíveis de serem exploradas comercialmente. O interesse pelas espécies nativas vem crescendo nos últimos anos, o que incentiva o desenvolvimento de pesquisas sobre as suas características nutricionais, qualidade dos frutos e como forma de geração de renda ao produtor. No Sul do Brasil, dentre as muitas espécies nativas destacam-se aquelas pertencentes à família Myrtaceae, compreendendo cerca de 102 gêneros e 3.024 espécies conhecidas, distribuídas, principalmente, em países de clima tropical e subtropical. Suas espécies podem ser arbustivas ou arbóreas. O gênero *Myrcianthes* está entre os mais importantes desta família e compreende aproximadamente 30 espécies, das quais a maioria ocorre predominantemente na região andina da América do Sul, com quatro espécies observadas no sul do Brasil, sendo que, destas, três são nativas do Rio Grande do Sul. Uma delas é o guabijuzeiro (*Myrcianthes pungens* (O.BERG) D.LEGRAND), que é uma planta perene que pode atingir de 15 a 25 metros de altura. No Rio Grande do Sul, apresenta-se em todas as formações florestais, exceto na Floresta Atlântica e Restinga Litorânea, sendo abundante na região das Missões, na Serra do Sudeste, na Campanha do Sudoeste e na bacia dos rios Ibicuí e Quaraí. Sua frutificação ocorre de dezembro a abril, dando frutos roxo-escuros em forma de baga globosa. Seus frutos possuem potencial para consumo in natura, para processamento na forma de doces, geleias, sucos, sorvetes. A planta também serve para fins ornamentais, madeireiros e conservacionistas, como reflorestamento ao longo das reservas de hidroelétricas, pois além de contribuir para firmar as margens, oferece grandes oportunidades para manutenção da fauna, sobretudo da avifauna de maior porte. Na medicina popular, esta espécie é utilizada por suas propriedades antidiarreicas. No óleo da folha de guabiju foram encontrados 36 compostos onde o b-cariofileno (10,1%), foi o principal deles. Este composto apresenta atividade espasmolítica, anestésica local e anti-inflamatória. Em países desenvolvidos, especialmente na Europa, a valorização de produtos exóticos com propriedades nutracêuticas pode representar um futuro mercado

promissor para frutos tropicais como o guabiju e para seus derivados. Muitas das espécies da família Myrtaceae, dentre elas os gêneros *Eugenia* (pitangueiras, cerejeira-do-rio-grande, etc.) e *myrcianthes*, apresentam dificuldades para a obtenção de sementes em quantidades que permitam a produção de mudas em larga escala, tanto para o aproveitamento comercial como para o aproveitamento em programas de repovoamento vegetal. Um dos impedimentos de cultivos mais tecnificados destas espécies é a falta de homogeneidade nos lotes de mudas oferecidos pelos viveiristas, ocasionados pela propagação sexuada, tradicional forma de propagação destas plantas. Isso acarreta problemas na condução de pomares, desuniformidade de forma e tamanho de plantas, baixa produtividade, má qualidade dos frutos e grande diversidade em tipos e cores de frutos. Com isso, neste projeto busca-se transmitir aos produtores práticas de propagação que visem o melhor desempenho da planta, em formas palestras e no suporte direto ao produtor. O projeto tem como pano de fundo a preservação ambiental, o incentivo do plantio de espécies nativas, a agregação de renda ao produtor rural e a conservação da fauna e da flora. O Laboratório de Biotecnologia em Horticultura do Departamento de Horticultura e Silvicultura da Faculdade de Agronomia da UFRGS (LBH) trabalha a mais de duas décadas, auxiliando produtores na resolução de problemas relacionados ao manejo, produção e principalmente a propagação de plantas, já tendo executado projetos de produção de mudas de plantas de frutíferas, florestais, medicinais, condimentares e aromáticas. Na propagação vegetativa estão incluídas a macropropagação, destacando-se as técnicas de estaquia e de enxertia, e a micropropagação ou propagação *in vitro*. O desenvolvimento lento de espécies nativas por métodos propagativos convencionais aponta a necessidade da utilização da propagação vegetativa, a qual tem sido uma importante ferramenta para a produção de lotes homogêneos de diversas espécies de importância econômica e ambiental. Há plantas que são facilmente propagadas vegetativamente, mas para as mirtáceas nativas há carência de informações sobre a facilidade de enraizamento de estacas, da compatibilidade de tecidos na enxertia, e da capacidade de obtenção de novas plantas completas através do cultivo *in vitro*. O LBH tem alcançado certo grau de viabilidade na propagação destas espécies através da estaquia e enxertia, mas segue-se estudando o cultivo *in vitro* destas. Esse sistema de propagação, muitas vezes, faz com que haja uma menor degradação ambiental, pois o produtor, ao adquirir mudas prontas, fará um planejamento de plantio para a locação de seu pomar, assim evitando um possível desmatamento. Brevemente os protocolos de propagação vegetativa estarão bem definidos e poder-se-á realizar treinamentos a produtores interessados em produzir mudas destas espécies através das novas técnicas. Os trabalhos estão em andamento,

sendo necessário ampliar os estudos, principalmente para conscientizar os produtores a amadurecer a ideia de repovoar a vegetação nativa de nosso Estado e de que é possível agregar renda preservando.